

documentação  
Rio Branco - AC  
Ma 17/12/96 Pg 20  
153

# CULTURA

# PAPO DE ÍNDIO

Txai Terri Valle de Aquino e Marcelo Piedrafitia Iglesias

## Um Futuro Para Nosso Passado

**H**oje o nosso papo de índio escorre por rios e mares, dobra o Atlântico, atravessa Montes Andinos até os Pirineus. Recupera o fio do tempo em milênios atrás, para nos unir em uma problemática local e global, própria não só aos povos nascidos em berço esplêndido europeu, como a todos aqueles sobreviventes heróicos nestes confins sul-americanos. Tal encontro de nacionalidades diversas, índios e euskaldunak, (auto-denominação do povo Basco), permite-nos refletir sobre a igualdade na diferença, ou sobre certos diferentes que são iguais.

Após visita de dois jovens Euskadunak por 2 meses ao Estado do Acre, em especial ao trabalho de educação da Comissão Pró

Índio/AC, fomos tentados a pensar este papo de índio, onde se assemelham as falas e lutas das chamadas "minorias étnicas" no limiar do século XXI, sejam elas de origem branco-européia ou de tradição indígena americana... No lugar onde se encontram estas histórias, em pleno Rio Branco, durante o XVI Curso de Formação de Professores Índios do Acre e Sudoeste do Amazonas, ambos se sentem identificados na sua luta política, de caráter necessariamente lingüístico-cultural e fundamentalmente pedagógico, como povos que buscam a construção, nunca tardia, de um futuro para seu passado.

Nietta Lindenberg Monte

O cientista alemão Humboldt, definindo e situando a nação Basca, disse: "os Bascos são um povo que canta e dança nos dois lados dos Pirineus".

Hoje em dia, essa força voltada para os prazeres comunitários sustenta a luta pela recuperação da terra tomada pela França e Espanha, (em ambos lados dos montes Pirineus), e pela conquista do direito a falar a língua EUSKARA, para que seja de novo a mãe que une o povo Basco num mesmo som.

Por que tanta insistência para manter, em um mundo superindustrializado Europeu, esta língua primitiva, que tem a mesma estrutura do QHISWA andino e mais semelhanças com as línguas PANO de Acre do que com o PORTUGUÊS ou o INGLÊS?

A cultura, o território e os habitantes Bascos são definidos pela língua, constituída em raiz originante desses processos. Assim, nosso nome verdadeiro é EUSKALDUNAK, "os que possuem o EUSKARA" e nomeamos nossa nação como EUSKALHERRIA "povo dos que falam EUSKARA". O resto das línguas que existem no mundo constituem o outro e têm um nome só: ERDARA. No pensamento Euskaldun, as coisas existem somente quando ganham nome: "IZENA DAUKANAK BADU IZANA", a língua passa a constituir o território mental onde é fixado o ser Basco. A nossa articulação como povo, nosso território físico é chamado AMA LUR, "mãe terra".

Quando, em 1.939, o governo fascista dos generais espanhóis triunfantes da guerra civil proibiu o uso do EUSKARA no território por eles conquistado, esta língua era majoritariamente oral, exceto por alguns textos religiosos e poéticos. Qualquer pessoa, inclusive velhos e crianças, flagrados falando a velha língua, era presa ou multada severamente num clima de terror e desprezo pelos símbolos, canções, danças e rituais da cultura Basca. Uma campanha de

desprestígio sistemático da língua começou e teve continuidade durante quarenta anos, visando o total esquecimento do principal nexo identificador entre a população EUSKALDUN. Vinte e anos depois, uma nova geração, obrigada a falar baixinho nas ruas e a gritar seu desespero nas matas fechadas ou nas grotas iluminadas por desenhos neolíticos, retomou a luta das suas mães, pais e avós, cientes de constituírem o último bastião capaz de enfrentar a uniformização da ignorância: "Gure ondorengoek EUSKARA gugatik galdu zela esan ez dezaten", "para que os que venham depois de nós não possam dizer que o EUSKARA perdeu-se por nossa causa". Partindo do nada, algumas famílias recusaram a

obrigação de educar, ou melhor, reformar seus filhos nas escolas do Estado Espanhol e passaram a organizar, em precárias condições de clandestinidade, uma escola própria, caracterizada por ensinar todas as matérias em EUSKARA. Lutaram ainda pela criação dos próprios textos, por uma maior qualidade de ensino, pelo respeito às crianças e pela ausência de castigos e prêmios, pela preferência pela pesquisa e pelo debate, extensivo não só aos pais e professores, mas aos alunos.

As mães viraram cozinheiras ou senhoras da limpeza, os pais, pedreiros, todos eles executivos nas tarefas de administração. E além de fazer isso tudo, deviam empregar seu dinheiro para pagar professores, materiais didáticos e de construção, comida, etc, enquanto a escola estadual era gratuita.

Estas dificuldades não desanimaram o grupo de pais Bascos pioneiros desta resistência cultural, mas provocou novas adesões: o movimento espalhou-se até abranger a quantidade de 30.000 alunos. As atividades Bascos saíram para as ruas mostrando o trabalho já feito, ao mesmo tempo que reclamavam solidariedade e conscientização do povo. Um ambiente brincalhão e descontraído era temperado por apresentações musicais e culturais que serviam para financiar as escolas e curtir o

orgulho do trabalho bem realizado. Atualmente cinco festas anuais reúnem quase meio milhão de pessoas.

Na década dos oitenta, os primeiros alunos somaram-se aos esforços dos seus pais iniciando uma produção massiva em EUSKARA tanto literária como musical, teatral e nos diversos

literário-discográfica com duzentas e quarenta e seis novas apresentações em 1.995 e, acima de tudo, a criação de um jornal diário com informações gerais que incentivam a cultura e a pesquisa EUSKALDUN, assim como as interações com outros povos, cuja língua se encontra em posição minoritária em relação a outra língua dominante



Foto/Asu

Festa para receber a primavera - País Basco, 1995

Como disse nestes dias o escritor contemporâneo Patziku

campos da pesquisa científica.

No entanto, os Estados Francês e Espanhol continuavam investindo para pôr freio à recuperação lingüística, cultural e, conseqüentemente, à construção da consciência de povo. Continuavam a negar uma administração pública, saúde ou professores universitários capacitados em EUSKARA, obrigando-nos a uma luta constante pelos nossos direitos, o que provoca a dispersão das forças da criatividade.

Levando em conta que, numa população de dois milhões, pouco mais da quarta parte domina a língua Basca, e a maioria não é alfabetizada, um dos objetivos principais foi, no começo dos anos oitenta, a EUSKALDUNIZAÇÃO e a ALFABETIZAÇÃO das pessoas marginadas, devido ao processo histórico da conquista, do conhecimento oral da língua e da aquisição da escrita

Este novo movimento tem conseguido formar cem mil EUSKALDUNES nos últimos dez anos, principalmente com recursos do povo, e criar uma consciência coletiva da necessidade de falar e melhorar a qualidade da língua. Entretanto, torna-se evidente a falta de espaços nas grandes cidades e nos núcleos ERDALDUNES (Espanhóis ou Franceses), onde os falantes isolados possam se juntar para exercitar o EUSKERA, tomando contato com as manifestações culturais veiculadas através dela. Para preencher esta carência tem sido criados os EUSKAL TXOKOAK, lugares que permitem desenvolver múltiplas atividades na língua Basca ao mesmo tempo em que se juntam os falantes dispersos dentro de uma maioria ERDALDUNA. Estas "ilhas falantes" desenvolvem o senso lúdico (almoços, viagens, festas, "brigas" de versos, etc) e a imersão dos falantes na nova cultura adquirida.

O ensino da língua é feito em aulas de duas ou quatro horas diárias, assim como em regime de internato, em ambientes rurais de população EUSKALDUN, com uma duração, a cada período, de quatro meses, utilizando como método de ensino aquele que leva em conta as necessidades comunicativas do aluno (expressar sentimentos, pedir-oferecer informações, etc.) para incentivar o aprendizado e facilitar a sua inserção no novo universo lingüístico.

Uma das atividades mais espetaculares desenvolvidas por este setor da educação é uma corrida, feita a cada dois anos, em que, durante sete dias e noites, percorrem-se mil e quatrocentos quilômetros ao redor de EUSKALHERRIA. Cada um desses Km. tem um preço mínimo que é pago por grupos de amigos, lojas, empresas ou instituições que adquirirem o direito e a honra de carregar nele um bastão esculpido em madeira, com uma mensagem reivindicativa no seu interior, simbolizando a língua. Cada povoado ou cidade organiza festas e atividades culturais, enquanto espera a chegada dos corredores, os quais somaram, num evento recente, setecentas mil pessoas.

Os últimos passos desta comprida corrida pela conquista da língua tem sido a reivindicação de mais professores nas universidades que lecionem em EUSKARA, uma produção

Perurena, na Feira do Livro e do Disco Basco de Durango:

"Nós Euskaldunes precisamos, para manter o espírito de nosso povo, não só do território, mas de buscarmos uma terra espiritual, que apenas a nossa língua poderá criar. E hoje o nosso temor maior é que não saia, do mais profundo de nós mesmos, uma força que faça viver o espírito da nossa língua."

IOSU GALLARRETA EUSKALDUNA

No transcurso do XVI Curso de Formação de Professores Indígenas organizado pela C.P.I.-AC tivemos o prazer de constatar que as nações indígenas representadas nele estão criando já as condições para que as suas culturas desfrutem de uma cumprida e saudável vida. As ESCOLAS INDÍGENAS aqui e as IKASTOLAS no País Basco são a chave que abre as portas do futuro às línguas e culturas mais antigas do planeta.

Em ambos os casos surgem situações análogas: o total desinteresse - quando não aberta hostilidade - que o Estado Brasileiro aqui, e os Espanhol e Francês no nosso caso, tem mostrado pela recuperação e revitalização destas culturas. No entanto, contraditoriamente, este fato tem tido, sem eles desejá-lo, uma face positiva: o controle dos processos de recuperação da cultura e da língua ficou nas mãos dos povos afetados. Não é possível enfrentar a tarefa sem o compromisso consciente dos atores. Assim, a escola, que é um dos instrumentos transmissores da cultura, vai precisar da participação dos pais, alunos e professores para sua criação; desde a construção do espaço físico onde estará localizada, até a eleição dos conteúdos e do método para apresentá-los. Os sujeitos que compõem o núcleo escolar terão que participar em todas estas tarefas, sem temer a superação dos limites atuais de atuação que a escola estadual impõe.

O professor fará parte da construção, o pai e a mãe serão, ocasionalmente, professores; e os alunos participarão da elaboração dos objetivos acadêmicos. Com a participação de todos, cria-se um vínculo afetivo entre as pessoas e a escola que se traduz numa maior RESPONSABILIDADE e COERÊNCIA entre as necessidades estratégicas da comunidade e os conteúdos que a escola desenvolve.

Através da escola e da incorporação da escrita, os povos de tradição oral, como os nossos, vão dispor de instrumentos importantes, mas não definitivos, para controlar o desenvolvimento das suas culturas no mundo "moderno" que já os envolve.

Nós, Bascos, vocês, Índios de Acre junto a muitas outras nações no mundo, faz tempo que estamos construindo um futuro para o nosso passado. AURRERA BETI!!

JAIONE RAMON GANA EUSKALDUNA